

EDITORIAL

O pós-moderno e identidade: para onde se vai?

A crise *na* pós-modernidade (ou seria a crise *da* pós-modernidade?). Vários sinais são apresentados como característicos dessa possível crise. Pode-se iniciar descrevendo o sujeito, um ser inconcluso que se completa ao morrer¹. Isso leva a refletir como, a todo tempo, o humano está em processo de mudanças. Por ser assim, não se é fixo, e não teria que sê-lo, mas isso justifica a fluidez que envolve as identidades². Por ser assim, forçar a um padrão tem como propósito alcançar a conclusão do sujeito antes de sua morte! Isso é possível?

Na breve busca por entender uma problemática pós-moderna decorrente, dentre outros fatores, é o processo de globalização. Ao mesmo tempo em que se espera que os sujeitos estejam ajustados às demandas do mercado, da sociedade e da família, surgem questões relacionadas às identidades no campo dos comportamentos, dos sentimentos, da sexualidade, do gênero, dentre outros. Constituído por esse amplo espectro, espera-se que os sujeitos sejam múltiplos e diversos em si mesmos. De modo paralelo, há uma expectativa de que se responda de forma padronizada a todas essas questões globais. É preciso fazer valer o discurso de que as diferenças precisam ser percebidas e discutidas, que se conviva com todas elas³.

O conceito de descentralização subjetiva aborda a crise das identidades singulares, de raça e de nação. No pensamento de alguns autores que escrevem sobre as cidades, o hibridismo cultural e a questão da subjetividade^{4,5}, o indivíduo é arrazoado enquanto identidade em crise, devido à múltiplas expectativas que há sobre ele e sua dificuldade em se ajustar a tamanha e complexa demanda.

Isso passa pela infância, na formação escolar formal e informal, com o alto investimento. Há uma família na expectativa que se coloca sobre tal indivíduo, responsabilizando-o por ser bem-sucedido. Espera-se dele, inclusive, uma identidade heteronormativa de gênero e sexualidade, no desafio de perpetuar essa família e seus valores, transmitindo essa herança aos seus futuros filhos. No caso de famílias financeiramente bem-sucedidas, há o complexo jogo do capital, da manutenção do poder e do *status*.

Então, será possível afirmar que se esteja repensando melhor os valores, a tolerância com as identidades de gênero e sexualidade, aceitando-se a fluidez dessas identidades como marcas atuais? Na complexidade desse debate, há um consenso de que estejamos na pós-modernidade, com demandas que a modernidade não tinha. Assim, mesmo com tão poucos referenciais, fica aberto o caminho para a percepção de que a crise da identidade pode ser compreendida a partir de uma de suas características mais marcantes: o descentramento do sujeito.

O ideal humanista do homem começou a perder sentido quando suas fronteiras não foram mais suficientes para sustentar sua integridade, sua legitimidade, sua segurança e seu lugar. Há quem diga que a crise individual das identidades singulares se soma à crise coletiva das identidades nacionais⁶. O

que vivencia-se é um processo de globalização que denota a fluidez das fronteiras nacionais, igualmente difusas, que em si, desterritorializa qualquer fixidez.

Qualquer valor fixo de família, formação, trabalho, cargo ou nacionalidade está sujeito a mudanças por múltiplas influências, pela necessidade do mercado, pela queda das barreiras antes culturais. Os movimentos americanos, japoneses, russos, afegãos chegam e atravessam a todos de múltiplas formas. São discursos que encontram acomodação em diferentes pessoas mundo afora, e acabam agindo sobre elas e moldando suas identidades⁷.

Portanto, deslocamento e descentramento são o que têm constituído o universo pós-moderno, sendo necessário a compreensão das identidades fluidas, dessa cultura e a pós-modernidade, e suas considerações que tratam da identidade cultural. Nisso, é importante lembrar que o "sistema" pode ser compreendido como o *locus* das esferas econômica e burocrática, cuja característica principal é ter como centro de controle o capital financeiro e o poder. Estes são dois elementos que ocupam o lugar da linguagem em processos de entendimento, e são responsáveis pela tecnificação do mundo, da vida, das pessoas e das sociedades⁸. Tem-se vivido tempos difusos e contraditórios, que exigem *indivíduos* ajustados e multifacetados. Mas como sê-lo? Para Habermas^{9:230}:

... isolado e solto, que se descobre em múltiplos papéis e se vê confrontado com múltiplas possibilidades de escolha; e ele precisa tomar essas decisões sob condições do sistema, das quais não pode dispor. Como membro da organização, coparticipantes do sistema, o indivíduo atingido pela inclusão subjaz a um outro tipo de dependência. O membro incorporado precisa ajustar-se a meios de direção, tais como, o dinheiro e o poder administrativo. Estes exercem um controle do comportamento que individualiza, de um lado, por se adequar a escolha do indivíduo singular, dirigido através de preferências; de outro, o controle de comportamento também estandardiza porque só permite possibilidades de escolha numa dimensão dada anteriormente, do ter ou do não-ter, do mandar ou do obedecer.

Ao ampliar o debate sobre as cidades, no pensamento de Jacques Le Goff⁴, houve uma tentativa de aproximar a identidade com a nacionalidade, no compasso humano pela vida social, de forma que se alcançasse a realização na vida urbana como ideal do próprio humanismo, um fundamento que chega à decadência no período pós-moderno.

Além disso, uma crítica à representação do estrangeiro como um personagem obsoleto no mundo globalizado. O afastamento do outro estranho é uma das formas do descentramento e, com isso, nada mais é estável. A cultura do instável passou a dar importância às situações efêmeras, pois as duradouras são percebidas e identificadas como tradicionais⁴.

O avesso do efêmero é o tradicional, mas o tradicional possui um poder congelante de ações e pensamentos e, por ser assim, é negado. *E quanto ao sujeito? É possível que ele permaneça firme e estável? Ele continuaria centrado nas antigas instituições sociais?* A questão é que ele está confuso, volátil, devido à transitoriedade daquilo que lhe parecia fixo e estável.

A crise da identidade na cultura pós-moderna, a crise da pós-modernidade, é a crise desse indivíduo que definitivamente não é, e nem jamais será, sujeito até sua morte, quando se completar¹. Essa breve descrição é por demais simplista. Trata-se de uma tentativa de comparar a sociedade como

responsável direta pela ruptura com os padrões tradicionais e pelos conflitos de uma geração que perdeu a fixidez de qualquer valor ou traço.

Desse modo, mesmo que brevemente, se reforça esse descentramento do sujeito, que deve ser entendido não como algo que se buscou e se quis, mas como uma crise que tem exposto toda uma geração e trazido conflitos sobre o que pensam até de si mesmos. Nesse campo de incertezas, talvez a mais importante seja a crise das identidades. O chamado mundo pós-moderno retirou qualquer ponto de referência, exigindo do indivíduo que se constitua firmemente em um universo de referenciais que não trazem segurança¹⁰.

Mais do que um culto ao efêmero, a pós-modernidade pode ser entendida como um tempo crítico e doloroso para o ser humano e seus referenciais centrais que se descentralizaram completamente. Logo, tudo o que se produz, cria, e se toma como referência acadêmica, de vida e de sociedade em no tempo atual precisa ser percebido como passageiro.

Boa Leitura!

REFERÊNCIAS

1. Foucault M. Ditos e Escritos volume IV. Rio de Janeiro: Forense Universitária; 2004. 464 p.
2. Hall S, Woodward K. Identidade e Diferença. Petrópolis: Editora Vozes; 2003. 133 p.
3. Santos WB. Adolescência heteronormativa masculina: entre a construção obrigatória e a desconstrução necessária. São Paulo: Intermeios; 2016. 176 p.
4. Le Goff J. Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP; 1988. 160 p.
5. Kristeva J. Estrangeiros para nós mesmos. Rio de Janeiro: Rocco; 1994. 176 p.
6. Hall S. A identidade cultural na pós-modernidade. 11^a. ed. Rio de Janeiro: DP&A; 2006. 102 p.
7. Foucault M. História da sexualidade: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal; 2007. Vol. 1. 176 p.
8. Habermas J. Teoria de la acción comunicativa: crítica de la razón funcionalista (Tomo II). Madrid: Taurus; 1992. 689 p.
9. Habermas J. Pensamento pós-metafísico: estudos filosóficos. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; 1990. 271 p.
10. Burshatin I. The Moor in the text: metaphor, emblem, and silence. *In*: Gates Jr HL (ed.). "Race", writing and difference. Chicago/London: The University of Chicago Press; 1999.

 **Welson Barbosa Santos**

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal, Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Ituiutaba/MG, Brasil.

 **Paulo Vitor Teodoro**

Instituto de Ciências Exatas e Naturais do Pontal, Faculdade de Ciências Integradas do Pontal e Programa de Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da UFU. Ituiutaba/MG, Brasil.



Este é um artigo de acesso aberto distribuído sob os termos da Licença Creative Commons